



VIRGÍLIO, RAUPP, JUCÁ E ARRUDA: DIFICULDADES PARA ACABAR COM O VOTO SECRETO NAS CASSAÇÕES DE MANDATO

CONGRESSO

Recuos estratégicos e obstrução seletiva fazem parte do jogo de cena no rescaldo das denúncias contra Renan Calheiros

Senado em paz armada

LEANDRO COLON
DA EQUIPE DO CORREIO

O Senado vive um cenário inusitado e de anormalidade. Os partidos de oposição, que antes pediam a saída de Renan Calheiros (PMDB-AL) da Presidência, não o hostilizam mais. Dizem que preferem trabalhar pela aprovação da emenda do voto aberto para cassá-lo nos outros três processos que ainda sofre no Conselho de Ética. Se alguém se beneficiou dessa estratégia, essa pessoa é o próprio presidente do Senado.

Renan passou a espalhar que se fortaleceu com o recuo de DEM e PSDB. Principalmente depois de quarta-feira passada, quando, num ato de rebeldia do PMDB, contou com esses partidos para derrotar o governo na derrubada da medida provisória que criou a Secretaria de Planejamento de Longo Prazo. A votação foi presidida pelo peemedebista. Nela, não recebeu qualquer provocação de senadores. E Renan saiu dizendo que o Senado voltou a trabalhar.

A resposta do governo à votação foi imediata e boa para Renan: preocupado com a prorrogação da CPME, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo a contragosto, cedeu, determinou ao PT que pare de pedir seu afastamento e reforçou o apoio ao senador.

Anormalidade

E a oposição, que defendia sua licença, teve de assistir, como fruto de sua estratégia, o fortalecimento do alagoano. "É um quadro de anormalidade. Vamos ter de aparentar normalidade para fazer tramitar a emenda do voto aberto", admite o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM).

O tucano, porém, já sabe que essa tática corre sério risco de naufragar. Renan e seus aliados não querem pensar na proposta que extingue o voto secreto em casos de cassação de mandato. E vão trabalhar contra. Aceitaram, no máximo, aprovar na quarta-feira passada o projeto que aboliu sessões secretas. E mais nada.

Vivendo esse impasse, nenhum senador consegue vislumbrar os próximos meses no Senado. A oposição diz que manterá uma "obstrução seletiva" enquanto Renan continuar na Presidência. O peemedebista diz que não sai. O que fazer? "O ambiente é favorável à crise. Esse tipo de coisa tende a prosperar. Não vamos resolver a questão a curto prazo. Temos que estabelecer procedimentos para a Casa funcionar", avalia o senador Renato Casagrande (PSB-ES), um dos relatores que pediu a cassação de Renan no processo em que ele foi absolvido.

O líder do governo, Romero Jucá (PMDB-RR), não esconde que gostou de trocar a tensão pela "obstrução seletiva" da oposição. "O Senado estava em ebulição. Agora, o fogo está brando."

A próxima semana promete cenas parecidas com as anteriores. A oposição quer iniciar a votação da emenda do voto aberto. A base aliada do presidente Lula tentará retomar as votações das nomeações de autoridades para órgãos do governo. Novo impasse será criado.

Uma solução precisará ser encontrada pelos senadores até a chegada da proposta que prorroga a CPME. A previsão é que a emenda constitucional que trata do imposto seja discutida pelos senadores durante o mês de outubro e a votação, concluída em novembro.